

## Relações de Gênero e Empoderamento do Futebol Feminino

*Relaciones de Género y Empoderamiento del Fútbol Femenino*

*Gender Relations and Women's Soccer Empowerment*

**Reinaldo Eduardo da Silva Sales**

**Mayara Mendes Leal**

**Ítalo Fabiano Correa Silva**

**Paulo Henrique Garcia da Silva**

**Resumo:** O artigo apresenta a pesquisa e os resultados de um estudo sobre sociabilidade, relações de gênero e diferentes papéis exercidos pelas mulheres da agrovila de Trindade, em Santa Izabel, no Pará. O ponto de partida foi o futebol feminino, prática que reafirma suas condições sociais e as empodera. O estudo ocorreu com 8 mulheres que preferiram ficar no anonimato e, através de uma roda de conversa com um roteiro de entrevista aplicado, demonstrou que as mulheres utilizam o futebol como forma de sociabilidade coletiva, processo que influencia diretamente na permanência do futebol na comunidade. As relações de gênero relegam às mulheres papéis sociais subalternos e inferiores e, para superá-los, utilizam do futebol para melhorar sua autoestima, para realização pessoal e empoderar-se socialmente.

**Palavras-chave:** Relações de Gênero. Futebol Feminino. Sociabilidade. Empoderamento. Mulheres.

**Resumen:** El artículo presenta la investigación y los resultados de un estudio sobre la sociabilidad, las relaciones de género y los diferentes roles desempeñados por las mujeres de la Comunidad de Trindade en Santa Izabel-Pará. El punto inicial fue el fútbol femenino, una práctica que reafirma sus condiciones sociales y les da poder. El estudio se realizó con 8 mujeres que prefirieron permanecer en el anonimato y, a través de una rueda de conversación y un guión de entrevista aplicado, mostró que las mujeres utilizan el fútbol como una forma de sociabilidad colectiva, un proceso que influye directamente en la permanencia de este deporte en la comunidad. Las relaciones de género relegan a las mujeres a roles sociales cada vez más bajos y, para superarlas, utilizan el fútbol para mejorar su autoestima, realización personal y empoderamiento social.

**Palabras clave:** Relaciones de género. Fútbol femenino. Sociabilidad. Empoderamiento. Mujeres.

**Abstract:** The article presents the research and results of the study about sociability, gender relations and different roles exercised by women from Trindade village, Santa Isabel, Pará. The starting point was women's soccer, practice that reaffirms their social conditions and empowers them. The study occurred with 8 women who wished to remain anonymous and, through conversation round and with an applied interview script, it demonstrated that women use football as a form of collective sociability, process that directly influences the permanence of soccer in the community. The gender relations relegate to women subordinate and inferior social roles to overcome them and, they use soccer to improve their self-esteem for professional fulfillment and empowering themselves socially.

**Keywords:** Gender relations. Women's soccer. Sociability. Empowerment. Women.

**Reinaldo Eduardo da Silva Sales** – Sociólogo. Mestre em Educação. Professor do IFPA, Campus Castanhal.  
E-mail: [reinaldo.eduardo@ifpa.edu.br](mailto:reinaldo.eduardo@ifpa.edu.br)

**Mayara Mendes Leal** – Historiadora. Mestre em História Social. Professora do IFPA, Campus Castanhal.  
E-mail: [profmayara@yahoo.com.br](mailto:profmayara@yahoo.com.br)

**Ítalo Fabiano Correa Silva** – Aluno do Curso de Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, IFPA, Campus Castanhal. E-mail: [italo.hayashi@gmail.com](mailto:italo.hayashi@gmail.com)

**Paulo Henrique Garcia da Silva** – Aluno do Curso de Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, IFPA, Campus Castanhal. E-mail: [henriquegarcia915@gmail.com](mailto:henriquegarcia915@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

A história nos ensina que a participação das mulheres nos esportes é permeada por dificuldades e superações. Durante muito tempo a maior parte dos esportes ficou restrita ao gênero masculino seja por interdição cultural ou por proibição legal.

As modalidades esportivas, quando praticadas por mulheres, visavam à conservação das formas corporais em conformidade com normatividade de gênero, a suavidade dos gestos e o condicionamento físico para a manutenção e à promoção da saúde das futuras mães, tais como ginástica, dança e natação (FRANZINI, 2005). Dessa forma, a mulher praticava esporte para cuidar do físico, nunca para competir ou como trabalho, de forma séria e comprometida.

Neste contexto, o futebol, como muitos outros esportes, era visto como coisa de “homem”, como um elemento que demarcava os papéis masculinos sobre os femininos, portanto, não cabia às mulheres praticá-lo. Às que desafiassem transgredir essa norma, teriam sua sexualidade questionada e, automaticamente, sofreriam um grande julgamento social. E, quando o futebol feminino é praticado em espaços rurais, como o caso desta pesquisa, surgiam novos problemas e os já existentes se acentuavam.

Assim, ao longo do tempo, as mulheres tiveram que derrubar barreiras. Fato este comprovado com a investigação do grupo de mulheres da comunidade de Trindade, no Estado do Pará, que formam o time de futebol amador “As Guerreiras”. Verificou-se *in loco* que a prática do futebol feminino é utilizada pelas mesmas para integração social, para melhorar sua autoestima, empoderamento e realização pessoal e perpetuação da atividade, pois estimulam seus filhos e filhas a “jogar bola”.

O interesse por esta temática surgiu da tentativa de aproximação das questões de gênero ao curso técnico de agropecuária, oferecido pelo Instituto Federal do Pará (IFPA), Campus

Castanhal, uma vez que são poucos os estudos da área da agropecuária que versam sobre as relações de gênero-papéis femininos, e menos ainda os que discutem relação do futebol feminino na comunidade como elemento socializador.

Desta forma, o que se pretendeu compreender foram as formas de sociabilidade, as relações de gênero, os diferentes papéis sociais exercidos e o empoderamento dessas mulheres a partir do futebol feminino.

A pesquisa evidenciou que neste espaço há um movimento velado de obstrução ao futebol feminino, o que implica na dificuldade das mulheres não só em praticá-lo como também limita a realização desta prática na comunidade.

### 1. Futebol Feminino e Sociabilidade Rural

Por muito tempo, a maior parte dos esportes ficou restrita ao gênero masculino, seja por questões culturais ou por proibição legal. No entanto, relatos históricos como os de Franzini (2005) comprovam a participação feminina como protagonista, ainda que as modalidades esportivas fossem indicadas somente para os homens, uma vez que às mulheres cabiam apenas os afazeres de casa.

Segundo Martins e Moraes (2007), quando o recorte esportivo é o futebol, as mulheres, por muitos anos, sofreram com a discriminação de gênero. Às praticantes, além de não ter o mesmo in-

vestimento que os homens, ainda têm sua sexualidade questionada. Falta ainda à prática do futebol feminino visibilidade midiática, incentivo financeiro e apoio familiar.

Para Stahlberg (2013), o futebol é um espaço marcado pela masculinidade e heterossexualidade. Isto se justifica pela maneira como se constituiu a prática do jogo, caracterizada por uma performance bastante definida e voltada para aquilo que seria inerente a uma condição do que se entende idealmente como ser homem. Neste cenário, o próprio padrão definido para a prática do futebol, induz à ideia equivocada de que ele seria um esporte pouco adequado e desejável ao corpo feminino.

De acordo com Salvini e Marchi Júnior (2016, p. 303), a discriminação no futebol é uma prática recorrente e que se acentua devido a aspectos como situação econômica e o gênero das/os praticantes. “No entanto, outra noção que acompanha as reflexões acerca do futebol feminino é a noção de resiliência, ou mesmo, de força de vontade para se manterem na prática mesmo com tantos fatores contrários”.

No caso específico do futebol feminino no Brasil, ele começou a ser praticado oficialmente no Rio de Janeiro, na década de 1980 (SALLES *et al*, 2015). Para Salvini e Marchi Júnior (2016, p.5), este processo foi influenciado pela *Tv Bandeirantes* com objetivo de “trazer aos telespectadores uma forma lúdica e mais barata de produzir conteúdo aos fins de semana”. Não só pelos baixos custos, se comparado ao futebol masculino, mas também pelo lazer proporcionado, o futebol feminino criou uma rede de sociabilidade, sobretudo nos espaços rurais.

Segundo Bombardi (2004), as comunidades rurais utilizam o lúdico como forma de sociabilidade, cujas características são diferentes das cidades quanto à organização e valores culturais, formados a partir do grupo de vizinhos, em que a prática mais utilizada para a construção das redes de sociabilidade é o futebol.

A socialização das comunidades no meio rural ocorre principalmente através de festas religiosas e de práticas futebolísticas, com música e comida para todo o grupo social. Neste cenário, a sociabilidade é praticada tanto no âmbito geral quanto no caso específico das mulheres que praticam o futebol na comunidade de Trindade, alvo deste estudo.

Para Bombardi (2004), a sociabilidade é um atributo para a vida em sociedade e a maneira de estar integrado. O seu conceito supõe ações onde as pessoas não têm outro fim senão a de criar uma interação com os demais.

Nestes espaços, a sociabilidade assume uma forma lúdica de associação, no qual os envolvidos cooperam mutuamente e desenvolvem ações práticas em favor do grupo do qual fazem parte. E é no futebol que se constroem a maioria das redes de sociabilidade. No caso da temática proposta para este estudo, o recorte foi o futebol feminino, cujas relações de gênero e as dificuldades são mais acentuadas que o masculino. Desta forma, o propósito deste trabalho foi evidenciar as formas de sociabilidade, relações de gênero e diferentes papéis sociais exercidos pelas mulheres do time de futebol “As Guerreiras”.

## 2. Síntese da Metodologia

A pesquisa ocorreu na comunidade de Trindade, localizada a aproximadamente 35 km da zona urbana do município de Santa Isabel, Estado do Pará. Os habitantes do lugar sobrevivem a

partir da pequena agricultura da mandioca, da venda de leguminosas e, sobretudo os homens, como trabalhadores de uma empresa de extração de madeira, localizada em uma comunidade vizinha.

A comunidade fica em área limítrofe aos municípios paraenses de Castanhal, Santa Isabel e Inhangapi, daí o nome de “Trindade”. A religião predominante é o catolicismo, muito difundido em áreas rurais no interior do Brasil.

As relações sociais existentes fundamentam-se em laços de parentesco e compadrio. As festividades, em sua maioria, mesclam práticas religiosas (missas, casamentos, batismos, festa dos santos, entre outras) com atividades lúdicas, entre elas a música e o futebol, objeto deste estudo. O campo de futebol é uma extensão da igreja católica e do barracão de festas. Estes três elementos, catolicismo, futebol e música, são essenciais para a reprodução social da comunidade.

Os dados foram coletados com o time de futebol amador “As Guerreiras”. Esta equipe conta com 15 integrantes, porém, por diversos fatores, no dia e horário marcado, somente 8 compareceram. Dentre as razões que as demais não puderam participar, estão a proibição pelo seu cônjuge e a ausência nos dias da coleta dos dados. Durante as entrevistas, ficamos sob os olhares das crianças e de alguns homens que, vez ou outra, apareciam no espaço da conversa, certamente com o objetivo de verificar se estava “tudo certo”.

O instrumento para a coleta foi um roteiro de entrevista aplicado em uma roda de conversa, onde as mulheres ficaram à vontade para falar do assunto. Os dados foram analisados sob o olhar qualitativo. As perguntas realizadas versavam sobre as formas de sociabilidade, relações de gênero, diferentes papéis sociais exercidos e empoderamento das mulheres a partir do futebol feminino.

Os procedimentos consistiram em uma visita inicial à comunidade para a identificação das participantes da pesquisa, onde foi assegurado a elas o anonimato. Como garantia da ética, elas assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o de Cessão de Direito de Uso de Imagem e Voz. Uma vez definidas as entrevistadas, partiu-se para realização das rodas de conversa, cujo material coletado foi transcrito, analisado e compõe este artigo.

### 3. Resultados e Discussão

Tendo como ponto de partida o futebol feminino na vida da Trindade, a pesquisa investigou sobre como ocorrem as relações de sociabilidade e de gênero das praticantes deste esporte, que diferentes papéis sociais elas exercem o empoderamento do futebol feminino e de que forma isso se reflete na vida delas.

#### 3.1 Relações de Sociabilidade a partir do Futebol Feminino

A sociabilidade é um processo social através do qual o indivíduo interage com outras pessoas a partir de alguns aspectos em comum. Portanto, é um conceito que está ligado à identidade e à cultura de cada grupo social.

Desta forma, desenvolver a sociabilidade em um mundo cada vez mais individualista não tem sido tarefa fácil. Os resultados da pesquisa demonstraram que o futebol feminino na comunidade de Trindade tem sido o elo de ligação entre as diferentes gerações. A partir dos relatos, notou-se que esta prática vem desde os anos 1990, onde “As Guerreiras” são a segunda geração de atletas,

cujas relações sociais não começam no futebol, mas entre as famílias e vão desde a participação na igreja até os afazeres domésticos.

Em tempos de avanços tecnológicos, a sociabilidade, sobretudo no meio rural, enfrenta o desafio de se ressignificar a partir das novas mídias sociais, que criam novas “comunidades”, no ciberespaço. No entanto, em um espaço marcado pela tradição oral, a sociabilidade a partir do contato físico tem sido a forma encontrada pelas “Guerreiras” para criar uma rede de apoio mútuo, disseminar informação, promover encontros e estabelecer um senso de integração e identidade social.

As redes de sociabilidade também influenciaram no processo de permanência do futebol na comunidade. A prática de ser sociável aplica-se nas relações entre as comunidades rurais e se constitui em um meio de comunicação e ajuda mútua (SALLES *et al*, 2015).

No caso das “Guerreiras”, essas redes ocorrem interna e externamente. Internamente, existem fortes laços entre elas, visto que na maioria dos casos são parentes. Desde a origem do time, a interação entre as jogadoras é basicamente familiar. Apesar de suas particularidades, essa união tem se fortalecido.

Para Bombardi (2004), nas relações sociais, quando a solidariedade se faz presente nos grupos, há a sociabilidade, que se desenvolve no momento em que há uma neutralização das diferenças entre os indivíduos, mesmo que seja temporária.

Desta forma, desenvolvem-se entre elas relações de altruísmo, garantindo a permanência do time. Em muitos casos, os laços extrapolam o campo de futebol, estendendo-se nas famílias, na igreja e nas decisões tomadas no cômputo da comunidade. Assim, a solidariedade na comunidade se concretiza através de ações como o futebol e a ajuda mútua entre as mulheres.

Já externamente, com as comunidades vizinhas, essas relações são divergentes, há entre elas algumas rivalidades que não se limitam apenas ao futebol, mas vão desde desentendimentos pessoais até a concorrência econômica, o que torna ainda mais competitivas as disputas no futebol.

A pesquisa também percebeu que, além das redes de sociabilidade, para a permanência do futebol na comunidade, estas mulheres utilizam outras estratégias como a iniciação das adolescentes no esporte e a formação de uma diretoria para o time.

Segundo uma informante, “*ainda crianças elas vão pegando o gosto pela coisa*” para, posteriormente, ocupar o lugar que pertenceu à sua mãe, fato que demonstra que as meninas, desde cedo, são influenciadas a “tomarem gosto” pelo futebol. Em muitos casos, essa passagem de bastão não tem sido tranquila, porque boa parte dos maridos e/ou pais são contrários à prática do futebol feminino, o que produz maior dose de resiliência no grupo pesquisado.

Outra ferramenta para a permanência do time é a formação de uma diretoria pelas próprias atletas, fato que, além de cuidar da administração, exerce papel motivacional. A autogestão, como princípio, é um importante elemento na afirmação e no empoderamento dessas mulheres.

De acordo com Salvini e Marchi Júnior (2016), a ausência de mulheres em cargos de liderança, não apenas no futebol, é reflexo de um contexto mais amplo da sociedade em que faltam mulheres em espaços decisórios. No entanto, os dados da pesquisa demonstraram que as mulheres ocupam cargos na diretoria do time para não só produzir decisões administrativas, mas principalmente como uma forma de autogoverno, empoderamento, paridade de gênero e atuação política e liberdade.

### 3.2 Relações de Gênero e Dificuldades para a Prática do Futebol Feminino

As relações de gênero são construções sociais que refletem a forma como a sociedade ou grupo lida com as diferenças sexuais e de gênero. O papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo.

No contexto em estudo, essas relações referem-se às formas desiguais de distribuição do poder entre homens e mulheres, produto de um contexto patriarcal mais abrangente. No meio rural, o futebol está presente no cotidiano da comunidade, mas ainda com predominância do gênero masculino. “As Guerreiras” enfrentam dificuldades para a prática do esporte, como falta de apoio no lar e rejeição sociocultural, como foi identificado nas entrevistas.

Tal processo se justifica em parte devido à concepção patriarcal dos homens sobre o futebol. As entrevistadas relataram que enfrentam preconceito por praticá-lo, uma vez que ele ainda é visto como uma exclusividade masculina, relegando-as às atividades do lar. Muitos homens querem se sobrepor às mulheres, como se o futebol demarcasse a superioridade dos papéis sociais masculinos sobre os femininos, como, por exemplo, a maioria dos companheiros não apoia a prática do esporte por elas e dificulta esse momento de encontro, criando situações que as atrasem para a partida e/ou que as façam faltar no jogo marcado.

Para Salvini e Marchi Junior (2016), o futebol, sobretudo no Brasil, é um espaço de dominação masculina e está imbuído de valores culturais que não incentivam as mulheres a praticarem esse esporte.

A forma como os corpos femininos são vistos no futebol feminino vão de um extremo a outro, seja pela masculinização, seja pela erotização. Quando o futebol é visto como “coisa de homem”, as jogadoras têm sua sexualidade questionada. Culturalmente, o preconceito recai sobre a forma de como se usa o corpo, e, por extensão, à sexualidade da mulher futebolista. O que é imperioso neste contexto é a desconstrução desse estereótipo.

Por outro lado, quando o corpo feminino é erotizado, cria-se um estereótipo da jogadora cujas curvas são mais valorizadas que o desempenho no campo.

Para Salvini e Junior (2016), o apelo à beleza das jogadoras e a erotização são sustentados ideologicamente pelo argumento de que, se elas forem atraentes, atrairão público aos estádios, mais expressividade midiática, aumento no consumo de produtos e serviços e, principalmente, atrairão patrocinadores, cuja ausência é apontada pela mídia esportiva como um dos grandes problemas do futebol feminino no país.

Lamentavelmente, este fato já ocorreu quando, em 2019, o Clube de Futebol brasileiro Goiás publicou em suas redes sociais uma peça publicitária, que, ao apresentar seus novos uniformes, utilizava jovens mulheres que sensualizavam com a camisa do clube. Esta postura gerou críticas e está na contramão do momento histórico em que as mulheres buscam mais respeito e espaço dentro do futebol.

Sobre as relações sociais, no caso da pesquisa com “As Guerreiras”, percebeu-se que elas ultrapassam o futebol e se estendem até à família, ao lazer e à vida em comunidade. Assim, criam-se vínculos de apoio em diversos aspectos com cada uma das integrantes do time, como ajuda financeira e realização de eventos para provisão de recursos para a comunidade.

A pesquisa revelou que alguns homens da comunidade não levam em consideração as limitações físicas, emocionais, sociais e familiares das mulheres. As mulheres relataram que têm dificul-

dade para praticar o futebol: rejeição sociocultural masculina, falta de espaço adequado, limitações físicas, preconceitos quanto à sua sexualidade e falta de tempo devido os afazeres domésticos que realizam.

Segundo Stahlberg (2013), o futebol feminino sempre teve muitas dificuldades no Brasil. Chegou até a ser exibido em circos como atrações curiosas. Vários aspectos, como os já demonstrados pela pesquisa, explicam a discriminação sobre esta prática: as meninas desde cedo são tolhidas de praticarem-no. Aprendem que futebol é coisa de “homem” e que mulher fica em casa cuidando da família, a opressão tem se repetido ao longo dos anos.

Os homens não gostam de vê-las praticando o futebol porque “*se preocupam com a integridade física de suas esposas*”. Outros esperam que elas apresentem os mesmos resultados que os seus, não levando em consideração as condições físicas femininas.

Não se pode considerar apenas o fator biológico como determinante do desempenho esportivo. Muitos gestos, formas de agir, gostos e habilidades são adquiridos através de relações de gênero que são estabelecidas e impactam diretamente em estereótipos desfavoráveis à elas.

Segundo Salvini e Marchi Júnior (2016), argumentos e narrativas como as apresentadas pelos homens da comunidade são comuns em uma sociedade patriarcal. Mas as jogadoras se posicionam de forma contrária a eles, sensibilizando a comunidade de que elas possuem, sim, condições de praticar o futebol.

### 3.3 Múltiplos Papéis Sociais e Empoderamento do futebol feminino

Segundo Sales (2018), inúmeros são os estudos que demonstram a importância da mulher na sociedade. Porém, seus papéis são considerados invisíveis sob a lógica da produção material e da reprodução social. E, no caso da Amazônia, a invisibilidade dos papéis sociais femininos é quase um tabu. Costa (2001) e tantas outras pesquisadoras demonstraram em seus estudos realizados no litoral paraense que a mulher é indispensável à produção material e à reprodução socioeconômica familiar e comunitária como um todo.

A análise das entrevistas permitiu identificar uma dupla jornada de trabalho para as mulheres, uma *no lar* e outra *extra-lar*, tais como esposa, mãe, dona de casa, agricultora, líder na comunidade e atleta de futebol. E, mesmo no futebol, assumem as funções de jogadoras, dirigente do time amador, árbitra e treinadora. Em casos específicos, uma única mulher pode exercer todas essas funções. Esses múltiplos papéis são de fundamental importância social, afetiva e econômica para a comunidade.

No espaço doméstico, elas realizam várias tarefas, como cuidar dos filhos; na agricultura, fazem plantios, tratos culturais e colheitas; e, na comunidade, exercem liderança como membro da diretoria e do time de futebol, atividades nas festividades religiosas, atividades diárias que não eliminam seus papéis sociais no lar.

Via de regra, os papéis domésticos são vistos por elas como **naturais**. A maioria das entrevistadas consideram tais atividades sem importância ou mesmo **invisíveis** por aquelas que o exercem. Elas não veem tais atividades como um *trabalho*, mas como uma **obrigação feminina**.

Além dos múltiplos papéis que desempenham, as mulheres que praticam o futebol ainda enfrentam a rejeição social, como se o futebol fosse exclusividade masculina. Elas ouvem frases

depreciativas como: “*vai fazer comida pro teu marido, essa bola não dá futuro para vocês*”. Essas afirmações representam a ideia predominante na comunidade de que mulher é “frágil” e só tem espaço na cozinha.

É preciso superar as concepções de naturalização dos papéis sociais domésticos e também de que o futebol é reservado ao público masculino e não ao feminino. Mas, para Salles *et al* (2015), não se pode negar que o futebol feminino vem ganhando espaço na sociedade e derrubando estereótipos, a exemplo da mais importante jogadora de futebol feminino no Brasil, Marta, que já foi eleita a melhor do mundo por 6 vezes e é a maior goleadora da história da seleção de futebol do Brasil, entre as seleções feminina e masculina.

O futebol nesta comunidade é praticado por grande parte dos moradores, tanto homens quanto mulheres, embora em condições mais desfavoráveis a elas, sobretudo por não obterem resultados similares ao time masculino e pela falta de tempo para treinos devido os afazeres domésticos.

Para Franzini (2005), vive-se em uma sociedade patriarcal, na qual a mulher é vista como propriedade; e também elitista, que rejeita pessoas pela aparência física, origem rural e com poucas oportunidades econômicas.

“As Guerreiras”, em seus relatos, dizem que sofrem com essas barreiras econômicas, principalmente quando os jogos são em outras comunidades. Dizem que, quando têm que ir “pagar uma visita” em outra comunidade, às dificuldades começam antes mesmo do jogo. A locomoção do time e a compra de materiais esportivos são restrições que elas enfrentam, uma vez que não contam com financiamento público e nem com o apoio da maioria dos maridos.

Com frequência, ouvem comentários depreciativos por serem mulheres, ditos até pelo próprio time adversário. Em muitos desses amistosos, “As Guerreiras” saem vitoriosas, o que melhora consideravelmente sua autoestima e garante a continuidade do time.

Às vezes a gente faz até graça quando vai pros cantos. Quando chega lá, vê as outras meninas tudo arrumada e nós fica lá no canto, tudo “rupela”. Tipo assim.... Elas olham pra gente e dizem “a gente vai dar é uma pisa nessas molecas”, só porque a gente não tem muita coisa....

A exclusão gerada pela competitividade não se manifesta apenas quando o jogo é praticado entre as mulheres, ou seja, ela não é um problema somente de gênero. Gênero, idade, potencial econômico e oportunidades sociais são critérios, entre tantos, que produzem exclusão.

Conforme Stahlberg (2013), as relações de gênero se fundamentam nas condutas sociais e nas diferenças biológicas, geralmente transformadas em desigualdades que tornam a mulher vulnerável à exclusão social. Assim, para compreender a exclusão de gênero no futebol feminino

é necessário relacioná-la a outros aspectos da vida social e suas diferentes manifestações. Este processo se dá, em muitos casos, simultaneamente, pelas vias do esporte, trabalho, classe, cultura, etnia e diferenças geracionais, tornando-se difícil atribuí-la a um aspecto específico, um vez que ela combina vários dos elementos da exclusão social.

É por isso que praticar o futebol é uma forma de lazer, melhora a autoestima e é um modo de realização pessoal para essas mulheres. O próprio nome do time reforça a sua identidade de pessoas que lutam e vencem com dificuldade. Como disse uma das jogadoras “...a gente quer mostrar que tem

*força e independência, que sabe chutar uma bola*”. Outra argumenta que *“não é pra gente dizer que somos melhor do que os homens, mas nós queremos participar do futebol”*.

Neste contexto, o futebol representa a realização pessoal, um momento de empoderamento, lazer e uma maneira para usufruir de liberdade. Para “As Guerreiras”, praticá-lo é um compromisso que segue regras sociais, cronograma de atividades e participação em eventos como torneios, campeonatos e amistosos; é uma forma de tornar público uma realização que é pessoal.

Ainda assim, há muito o que conquistar. A visibilidade e a profissionalização para mulheres no futebol ainda é algo distante, sobretudo devido às construções sociais que se têm do masculino e do feminino.

Para Salvini e Marchi Junior (2016), para que o futebol feminino ganhe espaço é necessário que ele seja consumido. Para que o consumo ocorra, é preciso existir algum tipo de oferta de produtos, de equipes, de campeonatos ou de incentivo. E, paralelo à oferta, deve haver também a demanda.

[...] para que seja criada uma demanda que venha a consumir essa modalidade, as jogadoras são incentivadas (pelos diretores, clubes e também patrocinadores) a se apresentarem de maneira mais próxima à normatividade do gênero feminino, dentro e fora dos gramados. Essa nova roupagem na apresentação das jogadoras se dá no sentido de desmistificar o estereótipo de jogadora de futebol que não cuida da aparência física para além das atribuições do esporte. (SALVINI E MARCHI JÚNIOR, 2016, p. 309).

Mesmo longe da profissionalização e com muitos afazeres no seu cotidiano, estes múltiplos papéis não são limitadores para que elas deixem de praticar o futebol, fazer o que gostam, o que lhes empodera. Ao contrário, isso as instiga a prosseguir e as motiva a persistir no futebol como prática libertadora e que as define socialmente.

## CONCLUSÕES

A pesquisa produziu uma análise sobre as formas de sociabilidade, as relações de gênero, os diferentes papéis sociais e o empoderamento feminino tendo como recorte o futebol praticado pelas “Guerreiras” na Comunidade de Trindade.

A partir da pesquisa, notou-se que, para as mulheres entrevistadas, praticar o futebol é uma forma de lazer, melhora a autoestima e é um modo de realização pessoal, além de fortalecer os vínculos na comunidade. Além das questões de gênero, elas usam o futebol para disseminar a cultura, fortalecer sua identidade, como meio de sociabilidade e ferramenta de interação social.

Mesmo com dificuldade, elas possuem conquistas, seja no campo ou fora dele. Essas mulheres buscam paridade de gênero, visibilidade social, reconhecimento e espaço para que possam manter o livre arbítrio para praticar o futebol, estreitar seus vínculos sociais e superar suas dificuldades.

“As Guerreiras” são exemplo de perseverança e empoderamento, se inserindo em um contexto cercado de paradigmas negativos, tentam ter voz e lutam por direitos. Embora não existam recursos suficientes, não falta a elas força de vontade e resiliência para superar seus próprios limites.

## REFERÊNCIAS

- BOMBARDI, Larissa Mies. *O Bairro rural como identidade territorial: Especificidade da abordagem do campesinato na geografia*, São Paulo, n 01, jul/dez. 2004. Disponível em: <http://www.geografia.ffch.usp.br/revistaagraria>. Acessado em: 11 outubro, 2018.
- COSTA, Maria José Jackson (Org). *Sociologia na Amazônia: debates teóricos e experiências da pesquisa*. Belém: Ufpa, 2001.
- FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 25 n° 50, p. 315-328, julho/dezembro de 2005.
- MARTINS, L. T. MORAES, L. *O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata*. São Paulo, 2007.
- SALES, Reinaldo Eduardo da Silva. Múltiplos Papéis Exercidos pelas Mulheres na Praia do Crispim/Pará. *Anais do X Seminário Internacional de Desenvolvimento Rural Sustentável, Cooperativismo e Economia Solidária: artigos científicos & resumos expandidos*. IFPA, Castanhal, 2018, pp. 1102-1112.
- SALLES, J. G. C.; Silva, M.C.P. & Costa, M.M. A mulher e o futebol: significados históricos. In: VOTRE, S. (Coord.) *A representação social da mulher na educação física e no esporte*. Rio de Janeiro: Editora Central da UGF, 2015.
- SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*: São Paulo, 2016 Abr-Jun; 30(2):303-11.
- STAHLBERG, Lara Tejada. *Mulheres em Campo: Novas Reflexões a cerca do feminino no futebol*. São Carlos: UFSCar, 2013.